



## ANTONIO RAPOSO TAVARES, O “MAIOR BANDEIRANTE”

ANTONIO RAPOSO TAVARES, THE “GREATEST BANDEIRANTE”

JOSÉ ANTÔNIO FALCÃO  
(Sócio correspondente do IHGSP)

### Resumo:

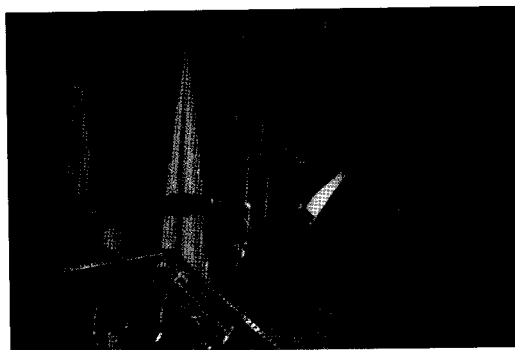
Breve recordação dos principais traços biográficos do bandeirante Antonio Raposo Tavares (1598-1658), natural da freguesia de São Miguel do Pinheiro (Mértola, Baixo Alentejo), e considerações sobre sua importância histórica.

**Palavras-chave:** Alentejo; cristãos-novos; São Paulo colonial; bandeirismo.

### Abstract:

Brief remembrance of the main biographical traits of Antonio Raposo Tavares (1598-1658), born in the so called Freguesia de São Miguel do Pinheiro (Mértola, Low Alentejo), and considerations about its historical importance.

**Keywords:** Alentejo; new christians; colonial Sao Paulo; bandeirismo.



Antonio Raposo Tavares, dito “o Velho”, nasceu em 1598. Os pais, Fernão Ribeiro Tavares e Francisco Pinheiro da Costa Bravo, eram oriundos de Beja, pelo que as suas raízes estão nesta cidade. Vieira Tavares situava-se no limiar da pequena nobreza

provincial, que vivia à lei da aristocracia, mas estava dependente dos favores do rei e dos grandes senhores. Em contrapartida, mercê do casamento, passou a integrar a poderosa comunidade judaica de Beja, juntando os apelidos e a influência social e política ao dinheiro.

Isto representava algo perigoso, numa época em que o Santo Ofício de Évora, com a sua rede de familiares – funcionários e informadores – bem estabelecida no próspero concelho de Beja, realizava frequentes incursões ao Baixo Alentejo, preferindo-o ao termo eborense, onde tinha que contar com a oposição direta de outros poderes. Era mais fácil “caçar” no quintal dos vizinhos do que no próprio, principalmente em alturas em que as comunidades estavam mais indefesas e dispunham de patrimônios apetecíveis, que oleavam a máqui-

na inquisitorial.

Terá sido durante um destes períodos críticos que o casal se refugiou em São Miguel do Pinheiro, freguesia de povoamento disperso, nas serranias de Mértola; à beira da antiquíssima Via da Prata, por onde os almocreves conduziam as mercadorias entradas ou saídas pelo Guadiana, integrava o *hinterland* bejense. Gente rica da cidade tinha aí negócios e o sítio era propício para abrigar alguém receoso das malhas de uma justiça pouco justa. A distância, a solidariedade dos vizinhos, a facilidade de fuga através de Mértola, pelo rio ou mesmo pela raia com a Andaluzia, tudo fazia de São Miguel do Pinheiro um ponto adequado para situações de emergência, como a ocorrida nos últimos anos do século XVI.

A mãe de Antonio morreu nova e o jovem foi criado pela madrastra, Maria da Costa, mulher inteligente e culta, dotada de fortuna, também pertencente a uma conhecida família de cristãos-novos, os Elvas, que permaneciam fiéis à tradição judaica. Raposo Tavares esteve depois ao serviço de D. Francisco de Sousa, sendo por ele armado cavaleiro da Casa Real, o que lhe dava um estatuto de nobreza, mas não o protegia da Inquisição, a qual, entretanto, conseguiu prender Maria da Costa. Em 1618, sequioso de espaços amplos, partiu para o Brasil, com o pai, recém-nomeado capitão-mor e governador da capitania de São Vicente.

Este Fernão Tavares, antigo partidário de D. António, prior do Crato, e moço da câmara do rei, era um homem das Arábias. Casado, por duas vezes, no seio de famílias de cristãos-novos, como vimos, tornou-se tesoureiro da Bula da Santa Cruzada (que acabou por desfalcar, perdendo todos os bens). Figura próxima dos círculos de poder, tinha bons contatos no Brasil, onde encontravam guarida muitos cristãos-novos, e deslizou suavemente para uma carreira de outro lado do oceano, na qualidade de preposto do conde de Monsanto, donatário da capitania de São Vicente.

Antonio Raposo conheceu, desde cedo, os meandros da política ultramarina. Quando o pai faleceu, em 1622, ficou por sua conta e estabeleceu-se no planalto de Piratininga, onde despontava a vila de São Paulo, vindo a participar em expedições destinadas a combater e a aprisionar índios, incumbência que decorria das funções quase obrigatórias dos moradores da pequena localida-



de. Começou assim a formar-se a “lenda negra” que o acompanhará ao longo da vida; em nome da verdade histórica, há que situá-la numa conjuntura mais ampla, pois não eram despiciendas, além das hostilidades entre portugueses e índios, as disputas fronteiriças entre portugueses e espanhóis.

Cinco anos mais tarde, comandou a sua primeira bandeira (expedição militar), com um efetivo de 100 paulistas e mais de 2000 índios auxiliares, atingindo o Rio Grande do Sul, de onde expulsou os jesuítas espanhóis, que representavam uma guarda-avançada de interesses do país vizinho, apesar de se estar ainda numa monarquia dual, sob a égide de Filipe III. Esta ampliação das fronteiras do Brasil assegurou a posse dos territórios dos atuais estados do Paraná, de Santa Catarina e de Mato Grosso do Sul.

Regressado a São Paulo, em 1633, tornou-se juiz ordinário, cargo de que desistiu, no mesmo ano, para ser ouvidor da capitania de São Vicente, onde voltou a enfrentar, na defesa dos interesses portugueses, os jesuítas espanhóis do colégio de Barueri, o que lhe valeu a excomunhão. Três anos depois comandou outra bandeira, agora para expulsar, com a costumada violência, as “reduções” ou missões da Companhia de Jesus na região do Tapes, no Rio Grande do Sul.

Com as suas luzes e as suas violências, as intervenções de Raposo Tavares desempenharam um papel essencial na delimitação das fronteiras do Brasil, contendo as investidas espanholas – por vezes associadas aos esforços da Companhia de Jesus para estabelecer “territórios-tampão” entre os dois impérios que ajustavam sucessivamente as suas áreas de influência, à custa das populações locais. Segundo assinalou Afonso de Taunay, ele “foi o bandeirante magno, o vulto formidável da nossa história”, intérprete cimeiro do bandeirismo.

De 1639 a 1642, a pedido de Salvador Correia de Sá, integrou as forças paulistas que lutaram contra os holandeses, desempenhando papel importante nas campanhas para a reconquista de Pernambuco. Em 1639 recebeu das mãos de D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, a patente de capitão. E, em 1640, quando chegaram a São Paulo as novas da subida ao trono de D. João IV, coube-lhe proclamar a restauração da independência portuguesa, em São Paulo. O monarca nomeá-lo-ia, mais tarde, mestre-de-campo.

Raposo Tavares foi chamado a Portugal em 1647 e recebeu o encargo de levar a cabo uma missão secreta que viria a ser a sua última expedição, no ano

---

JOSÉ ANTÔNIO FALCÃO

seguinte: a grande bandeira aos “serranos”, nos confins do Peru. Com o pretexto de buscar prata, esta expedição, formada apenas por algumas dezenas de homens, internou-se no território mato-grossense, atingindo, pelo rio Madeira, o Amazonas, que subiu até às terras de Quito e desceu até Belém do Pará, de modo a definir, sem provocar as desconfianças dos espanhóis, a presença de Portugal na região.

O bandeirante faleceu em São Paulo, em 1658. A sua memória só viria a ser resgatada, no Alentejo, em 1966, por iniciativa das autoridades paulistas, após o notável estudo que Jaime Cortesão lhe consagrara, oito anos antes, intitulado *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*. São deste historiador as palavras que melhor definem o papel por ele desempenhado: “*Como Vasco da Gama em relação ao Índico, ou Fernão de Magalhães ao Pacífico, Raposo Tavares mediu a sua grandeza por dois dos maiores padrões da Natureza: os Andes e o Amazonas.*”